

---

# CONFLITO NA ADOLESCÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Francisco Alison Custódio Idelfonso<sup>1</sup> | Maysa Vieira da Silva<sup>2</sup> | Francisco Davi Bezerra Lima<sup>3</sup> |  
Tainá Moreira de Moura<sup>4</sup> | Vanessa Gonçalves de Araújo<sup>5</sup> | Lielton Maia Silva<sup>6</sup>

---

## RESUMO

Objetivou-se compreender a adolescência como um processo necessário de construção individual, tendo em ênfase a discussão sobre identidade, sexualidade, sexo e gênero. Para atingir o objetivo foi realizada uma revisão de literatura com artigos e livros, cuja temática atinge o desenvolvimento humano e um foco humanista, na compreensão culturalista do desenvolvimento humano. A adolescência não pode ser considerada como uma fase de rebeldia e de impulsividade, mas como um período importante para o desenvolvimento do indivíduo e suas potencialidades. Entrar para o mundo dos adultos significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança, no qual vão surgir modificações corporais, que exigem do adolescente uma convivência com o seu novo corpo e com o mundo, portanto os conflitos de identidade, sexualidade e ideologias que surgem nessa fase é uma forma de lidar com as mudanças durante o processo de desenvolvimento, e quando a maturidade está acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, o sistema de valores do adolescente entra em conflito com as ideologias do seu meio e ocorre a rejeição de determinadas situações para defender o seu ideal. Diversas culturas ao redor do mundo utilizam o conceito de gênero como ferramenta para naturalização de identidades e papéis sociais baseadas na diferenciação do sexo biológico. Dessa forma, os papéis de gênero são transmitidos e perpetuados, principalmente, pela ação da família na construção das identidades das crianças e adolescentes, utilizando principalmente de métodos de autoridade, dominação e muitas vezes violentos de fato.

## PALAVRAS-CHAVE

Adolescência. Sexualidade. Desenvolvimento. Subjetividade.

## ABSTRACT

The objective was to understand adolescence as a necessary process of individual construction, with emphasis on the discussion about identity, sexuality, sex and gender. To achieve the objective, a literature review was carried out with articles and books, whose theme reaches human development and a humanistic focus, in the culturalist understanding of human development. Adolescence cannot be considered as a phase of rebellion and impulsivity, but as an important period for the development of the individual and his potential. Entering the world of adults means for the adolescent the definitive loss of his condition as a child, in which bodily changes will appear, which require the adolescent to live with his new body and the world, therefore the conflicts of identity, sexuality and ideologies that arise in this phase is a way of dealing with changes during the development process, and when maturity is accompanied by an affective and intellectual maturity, the adolescent's value system conflicts with the ideologies of his environment and occurs rejection of certain situations to defend your ideal. Several cultures around the world use the concept of gender as a tool for naturalizing identities and social roles based on the differentiation of biological sex. In this way, gender roles are transmitted and perpetuated, mainly, by the action of the family in the construction of the identities of children and adolescents, using mainly methods of authority, domination and often in fact violent.

## KEYWORDS

Adolescence. Sexuality. Development. Subjectivity.

## INTRODUÇÃO

A adolescência é considerada como um período conturbado da vida humana, surgem diversos questionamentos e discussões que tentam definir e delimitar esse período, mas de fato o que é adolescência? O senso comum atribui a adolescência ao período da puberdade até o momento em que

a pessoa é incumbida de responsabilidades da chamada “vida adulta”. Em modelos de sociedades mais antigos essa passagem realizada entre a infância e a adultez possuía um forte simbolismo ritualista onde não havia nada entre esses dois períodos e era realizado de forma diferente entre os gêneros considerados (DUTRA VIOLA, 2016).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é o período da vida a partir do qual surgem as características sexuais secundárias e se desenvolvem os processos psicológicos, esse período compreenderia a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. No Brasil devido a diversas questões socioculturais históricas e políticas o adolescente, tendo a idade considerada entre 12 e 18 anos, se trata de um indivíduo em desenvolvimento que necessita de atenção e orientação diferenciada por parte do Estado e principalmente da família, ficando a cargo do Estatuto da Criança e Adolescente estabelecer medidas para isso (SIMONELLI, 2017).

Para Arminda Aberastury (1981) entrar para o mundo dos adultos significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança, no qual vão surgir modificações corporais, que exigem do adolescente uma convivência com o seu novo corpo e com o mundo, portanto os conflitos de identidade, sexualidade e ideologias que surgem nessa fase é uma forma de lidar com as mudanças durante o processo de desenvolvimento, e quando a maturidade está acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, o sistema de valores do adolescente entra em conflito com as ideologias do seu meio e ocorre a rejeição de determinadas situações para defender o seu ideal.

Contudo, é perceptível a dificuldade da sociedade em compreender o adolescente e seu período de transformações biopsicossociais e que, talvez, os conflitos da adolescência sejam um reflexo de uma sociedade hostil e incompreensível, e reprimir o jovem só cria um distanciamento maior e uma agravação nos conflitos.

O adolescente defende seus valores e despreza os que o adulto o quer impor; ainda mais, sente-os como uma armadilha da qual precisa escapar. O sofrimento, a contradição, a confusão, os transtornos são deste modo inevitáveis; mas devemos perguntar-nos se grande parte da sua dor não poderá ser suavizada mudando estruturas familiares e sociais (ABERASTURY, 1981). Ademais, a proposta teórica da psicologia humanista vê o homem como um ser em busca constante de si mesmo e possui uma tendência natural para se desenvolver.

Fica então claro que a adolescência não pode ser considerada como uma fase de rebeldia e de impulsividade, mas como um período importante para o desenvolvimento do indivíduo e suas potencialidades, no qual vai construir sua identidade, valores morais, autonomia, ideologias e para que possa agir no mundo de forma ativa (CAMPOS, 2006). Portanto o objetivo deste artigo é compreender a adolescência como um processo necessário de construção individual, tendo em ênfase ao decorrer do artigo uma discussão sobre identidade, sexualidade, sexo e gênero. Para atingir o objetivo foi realizada uma revisão de literatura com artigos e livros, cuja temática atinge o

desenvolvimento humano e um foco humanista, na compreensão culturalista do desenvolvimento humano.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **CONCEITUANDO ADOLESCÊNCIA**

O termo adolescência surgiu do latim *ad* (para) e *olescer* (crescer), logo pode-se compreender que ela nasce com a ideia de ser uma fase da vida humana que leva as pessoas da infância para a adultez. Tendo em vista que o termo adolescência é um termo um tanto quanto novo, pois surgiu apenas em meados do século XVIII, várias concepções a respeito da adolescência dos mais diversos autores surgiram antes disso. Antes dessa visão praticamente não existia o conceito do termo adolescência, a passagem das crianças da infância para a idade adulta como é conhecida atualmente não era considerada pelos teóricos, para eles era mais importante se ater aos primeiros sinais de maior responsabilidade e independência onde adota-se todas as novas responsabilidades impostas socialmente impostas (DUTRA VIOLA, 2016).

Dirigindo-se para o passado e para as sociedades antigas, tem-se os rituais como passagem da infância para a adultez. Tais rituais se davam de forma diferente entre os gêneros feminino e masculino, nas mulheres acontecia por meio da primeira menstruação, e para os homens acontecia por meio de provas que definiam seu nível de força física e virilidade. Assim a marca social aparecia de acordo com aspectos proporcionados pela maturação do corpo, ou seja, iniciação da puberdade (SIMONELLI, 2017).

Atualmente as teorias mais aceitas, como por exemplo a de Arminda Aberastury e Mauricio Knobel no livro “Adolescência normal” tratam o adolescente como um ser em constantes crises, as quais se originam por mudanças corporais iniciadas na puberdade, conflitos familiares e outras questões pessoais, segundo o que demonstra Daniel Becker no seu livro “O que é adolescência”. Essa parte do desenvolvimento, que é a adolescência, envolta em crises transporta os jovens até o ponto da vida onde eles passam a agir da maneira que o grupo social onde estão inseridos anseia, considera-se adulto ou amadurecido aquele indivíduo que consegue adaptar-se as estruturas da sociedade em que convive, tornando-se um elemento ativo da mesma (Becker, 2017).

Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 2010), compreende-se como adolescente a pessoa que tem entre 12 anos incompletos e 18 anos. Apesar dos aspectos legislativos, sociais e políticos essa fase de desenvolvimento encerra quando o jovem se torna independente financeiro e com maturidade psicossocial atingida. Além de outros fatores como assumir suas responsabilidades

com o trabalho, o casamento e os filhos acabam por encerrar a adolescência e iniciar a adultez. (SIMONELLI, 2017).

Além do ECA, para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. A Organização das Nações Unidas (ONU) caracteriza como jovens pessoas que possuem idade entre 15 e 24 anos, no Brasil, legalmente falando, esses conceitos são englobados pelo período de idade de 10 a 24 anos de idade. Essa divisão é feita utilizando o conceito de adolescência como “uma fase de transformação biopsicossocial”, ou seja, um período de desenvolvimento característico da vida humana onde ocorre entre outros fatores a estruturação e o amadurecimento de uma pessoa (MATA,2016).

Há também a classificação da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) que divide em adolescência para meninas de 9 a 18 e para meninos 10 a 18. Essa gama de entendimentos demonstra como há uma diversidade de entendimento acerca da adolescência para a vida adulta (SIMONELLI, 2017).

Essa pluralidade de interpretação sobre a adolescente pode ser observada na própria psicologia do desenvolvimento humano. Stanley Hall foi o precursor do estudo da adolescência, sendo o responsável por ter formulado o conceito no início do século XX. Hall (1904) concebeu que a fase da adolescência era um momento conturbado, uma vez que se aproximava o começo da sexualidade e das mudanças biológicas e corporais, para ele a fase da adolescência era uma fase natural do desenvolvimento ligada a crises, conturbações e angústia. Dessa forma propôs que o ser humano passaria por estágios de desenvolvimento universais levando em conta a evolução da espécie humana (SIMONELLI, 2017).

Ademais, a adolescência é o momento da vida marcado por diversas alterações biológicas e psicológicas, que conseqüentemente provocam mudanças no corpo e no comportamento do indivíduo e estas transformações estão interligadas com a puberdade, ocorrendo a produção de hormônios que são responsáveis pelo processo de maturação sexual e de reprodução, o adolescente que entra na puberdade cedo ou cuja a maturação cognitiva está atrasada são propensos a comportamento de risco (PAPALIA & FELDMAN,2013).

Segundo a neurocientista Suzana Herculano Houzel (2012), além das mudanças no corpo na adolescência ocorrem também diversas alterações neurobiológicas, sendo que uma das partes que mais sofre modificações é o córtex cerebral, nesse contexto alguns comportamentos mais visíveis na adolescência como agressividade são normalmente devido ao processo natural de maturação cerebral. Soma-se a isso que o desenvolvimento do córtex pré-frontal promove mudanças significativas no cérebro adolescente, pois neste ocorre o processo de funções cognitivas mais sofisticadas, tais como tomada de decisão, pensamento abstrato e controle da conduta os quais estão relacionados à algumas ações; atitudes como a interação social, empatia e autoconsciência.

Na adolescência, as mudanças no corpo correspondem mudanças na subjetividade. Aberastury(1981) diz que quando o adolescente se inclui no mundo com este corpo já maduro, a imagem que antes tinha de seu próprio corpo se modificou, conseqüentemente sua identidade também mudará ,e o adolescente precisa adquirir uma ideologia que possa através dela se adaptar ao mundo e saber como agir no mesmo.

Compreende-se que esse adolescente passa a ser considerado capaz de desenvolver e exercer de maneira ativa e autodeterminação e responsabilidade de decisões, ações e realizações que irá influenciar o primeiro passo para sua autonomia e autoconhecimento. (SIMONELLI,2017)

Vale ressaltar que a valorização individual que está presente no processo da adolescência, o adolescente passar a procurar respostas, compreender o "eu" e a conquista de sua autonomia são necessários para o seu desenvolvimento, tornando-se capaz de se autodeterminar (SIMONELLI, 2017).

Compreende-se que esse adolescente passa a ser considerado capaz de desenvolver e exercer de maneira ativa a autodeterminação e responsabilidade decisões, ações e realizações que serão os primeiros passos para sua autonomia e autoconhecimento (ENDO,2017).

Por ser uma fase ligada diretamente ligada a puberdade e a maturidade sexual humana, é comum que surjam com bastante impacto na adolescência questões de identidade e expressão de gênero e sexualidade, como aponta Santos e Dinis (2017) uma problemática comum a essa fase, por viver em uma sociedade “heteronormativa”, ou seja que valoriza os costumes e modos de pessoas heterossexuais, a homossexualidade é vista como algo inferior que causa impactos até na noção de masculinidade e esse processo de inferiorização faz com que adolescentes que se descobrem homossexuais passem por situações complicadas nas primeiras experiências de suas sexualidades, é comum que esses jovens vivenciem essas experiências com medo e em silencio devido a repressão e todo o preconceito e discriminação com que a sociedade os encara (MATA, 2016).

## **SEXUALIDADE**

Muito se discute acerca do que é sexualidade e se seria a mesma coisa que sexo, a nível de senso comum esse erro é cometido frequentemente, entretanto é importante entender a diferença entre os dois. Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) o sexo está relacionado a definição dos órgãos genitais, masculino ou feminino, e pode ser compreendida como alguma relação sexual em si. Enquanto sexualidade está ligado ao que sentimos e podemos expressar, ou seja, é algo subjetivo a cada indivíduo, a cada personalidade e que nos influencia em nível de pensamento, sentimento, ações e principalmente interações (2016).

Historicamente a sexualidade foi reduzida a dimensões biológicas, porém entende-se que esta não se resume somente ao aspecto fisiológico, ela é considerada uma construção histórico-cultural. Como nos apresenta Warmling (2016), exemplificando que muitas práticas que desviam da função reprodutiva são repreendidas moralmente a depender de cada sociedade e cultura.

A sexualidade forma-se a partir do aspecto biológico, normas sociais, familiares, política, formação psicológica e ideologias. Essa questão sexual confirma-nos que a sexualidade é mediada pelas relações sociais, pois o lado biológico da sexualidade é experienciado culturalmente, significando que os sentimentos individuais incorporam sempre a regras sociais, definições e significados do mundo no qual são construídos socialmente, pois antes mesmo de entendermos os fenômenos existentes no mundo, os mesmos já existem (WARMLING,2016).

A sexualidade forma-se a partir do aspecto biológico, normas sociais, familiares, política, formação psicológica e ideologias. Essa questão sexual confirma-nos que a sexualidade é mediada pelas relações sociais, pois o lado biológico da sexualidade é experienciado culturalmente, significando que os sentimentos individuais incorporam sempre a regras sociais, definições e significados do mundo no qual são construídos socialmente, pois antes mesmo de entendermos os fenômenos existentes no mundo, os mesmos já existem. (WARMLING,2016)

O corpo é dado como um lugar em que a consciência do outro exerce poder, é pelo o corpo que conhecemos o outro e as coisas são percebidas, nesta corporeidade é que é expresso sentido a língua falada, gestos corporais, movimentos, e sinalizam atos intencionais e expressão de pensamento. (SOKOLOWSKI,2010)

Na adolescência questões acerca da sexualidade são bem mais frequentes e intensas por ser um período de desenvolvimento baseado em processos ao qual o adolescente passará por desequilíbrios, instabilidades e principalmente conflitos e dúvidas que o levarão a questionar-se acerca do próprio corpo e da sua sexualidade, do seu próprio eu. Principalmente pelo fato de que a sexualidade pode se transformar dependendo das experiências que o indivíduo vivencie no decorrer de sua vida, ou seja, mesmo nascendo com um sexo definido, estamos sujeitos a transformações que interferem na expressão da sexualidade. Dessa forma, o modo pelo qual a pessoa se sente atraída pelo outro também tem a capacidade de mudar ao longo da vida, seja em intensidade, sentimento, orientação e identidade, tudo a partir da vivência e experiência do indivíduo. (ABERASTURY e KNOBEL, 1989)

Para os autores, a partir do momento em que o adolescente aceita sua genitalidade ele passa a buscar por um outro corpo, ou seja, buscando por um parceiro afetivo ainda com um sentimento de timidez, porém com uma grande intensidade. É nesse período que a afetividade sexual e amorosa do adolescente começa a aflorar a partir de contatos cada vez mais íntimos com outras pessoas.

O caráter evolutivo do autoerotismo à heterossexualidade perfaz o caminho do descobrimento do próprio corpo e de sua genitália. Onde o adolescente usa com maior frequência a masturbação a fim de desenvolver sua autonomia sexual conhecendo seu corpo. Esta fase de descobrimento especial genital percorre até o conhecimento do caráter procriativo, que só materializa com o desenvolvimento da capacidade de assumir o papel paterno ou materno no início da vida adulta. (ABERASTURY e KNOBEL, 1989)

É justamente aí que começa uma vida sexual indo de algo mais superficial ao encontro da vida sexual mais ativa. Nesse contexto vale lembrar o papel dos pais na formação do indivíduo onde a família evita falar de assunto ditos tabus, e carregam um forte pensamento moralista causando constrangimentos acerca da construção de sua identidade genital. (ABERASTURY e KNOBEL, 1989)

Segundo Aberastury e Knobel (1989), nesse período exploratório da genitalidade onde o adolescente começa a ter mais fantasias sexuais e uma maior necessidade de uma terceira pessoa, o desejo de penetração e ser penetrado é iniciado. Vale ressaltar que esse período segundo a autora acontece para ambos os sexos masculino e feminino, e nesse contexto a presença ou ausência dos pais pode acarretar a origem da homossexualidade, que não estará mais voltada ao próprio corpo, mas para o corpo de outras pessoas.

De acordo com o que foi mencionado acerca das transformações que a sexualidade pode ter, está a identidade de gênero de uma pessoa. O termo identidade de gênero se refere a experiência que uma pessoa tem com seu próprio gênero, sua própria sexualidade. Ou seja, pessoas transgênero possuem uma identidade de gênero diferente da que lhes foi designada ao nascer, exemplificando, uma mulher nasce com o gênero definido como feminino, mas não se identifica com esse gênero e sim com o gênero masculino, sendo assim um homem transgênero. (SAMPAIO; COELHO, 2013)

Ainda nesse contexto podemos citar a adolescência de pessoas transgêneros que passam por esse período com maiores conflitos de ordem interna e externa onde muitas das vezes a presença dos pais é danosa para o desenvolvimento psicossocial. Isso se dá pelo apoio familiar que em muitos casos não existe, e a aceitação dos pais que nesse momento é de grande importância. No caso dessas pessoas transgêneros os pais têm grande dificuldade de aceitar o adolescente como ele mesmo se vê, se identifica, pois além do luto pelo corpo de criança que não existe mais pois o corpo também está à mercê de mudanças, existe também o luto pela própria sexualidade que acabará de ser transformada e diferenciada do que era antes, do que foi designado no momento do nascimento (SAMPAIO; COELHO, 2013).

Portanto, vê-se que a sexualidade não pode ser reduzida a uma visão fisiológica pois ela é uma construção histórico-cultural e depende muito da experiência subjetiva, da personalidade, do contexto social, familiar, das ideologias e das próprias vivências de cada indivíduo. Além disso, a sexualidade

pode sofrer mudanças no decorrer da vida, iniciando-se geralmente na adolescência, período que começa-se a questionar sobre si mesmo e sobre a realidade que o cercam tudo isso com uma certa urgência, além das crises, desequilíbrios, conflitos internos e externos que estão presentes da adolescência e que afetam diretamente o adolescente e seu processo de desenvolvimento.

## **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

Segundo Butler apud Reis (2019) a identidade em seu processo de formação se dá através de linguagem, discursos e práticas. As mesmas delimitam conceitos de sexo, sexualidade e gênero do sujeito. Assim a identidade pode ser entendida como o recriar algo que a princípio se pretendia ser diferente.

Tendo em vista que na adolescência o sujeito se depara com muitas modificações, tanto biológicas como sociais, a construção da identidade durante esse processo ganha uma configuração intensa. Pois tais modificações parecem exigir novos posicionamentos do indivíduo para com a sociedade em que se está inserido. A maneira como a homossexualidade se apresenta na adolescência é intensa e gera dúvidas do sujeito em relação ao seu corpo, pois é exatamente a partir da adolescência que ele se percebe com um corpo em uma posição que não é infantil. (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2018)

Segundo a teoria psicanalítica, o modo de ser homossexual, hoje compreendido como expressão normal da orientação sexual, já foi considerado patológico. Aparentemente para a medicina e outras disciplinas afins a expressão homossexual fugia a regrada heteronormatividade. Existindo assim normas reguladoras do que seria correto e desejável, como a heterossexualidade, afirmando um modelo de vida, familiar e social a ser alcançado, esta visão excluía da sociedade homens e mulheres que fugiam desse padrão. A expressão do gênero sempre levava rótulos e modelos uma vez que construídos sob um molde de mundo e sujeito, sujeito e mundo (BUTLER apud REIS,2019).

Ainda nessa época de (1993), onde a identidade de pessoas homoafetivas – pessoas que se sente atraída por outra do mesmo sexo que o seu - era vista como patológica e não uma expressão de ser no mundo, a exemplo da transexualidade que era vista pela Classificação Internacional de Doenças (CID), como uma patologia. Posteriormente onde decorreram 28 anos finalmente da Organização Mundial da Saúde (OMS-2018) tirou essa classificação patológica, dando aos indivíduos mais dignidade e promoção a saúde uma vez que não são mais vistos como doentes, perversos e aberrações (SAMPAIO E COELHO, 2013).

Atualmente, o Conselho Federal de Psicologia tem em vigor duas resoluções que estabelecem a atuação profissional a questões de “orientação de gênero”, a primeira resolução de Nº 1, de 22 de março de 1999, que em seu art.3º trata que as psicólogas não exercerão em qualquer ação que favoreça



a patologização de comportamentos e práticas homoeróticas. Vale salientar que partindo dessa, fica vedado qualquer prática discriminatória e que venha trazer danos psicológicos aos indivíduos tratados nessa resolução (CFP, 1999).

A segunda resolução trata da atuação das psicólogas às pessoas transexuais e travestis. Sendo está de Nº 1, de 29 de janeiro de 2018 que em seu art.4º vem propor “que os profissionais de psicologia não utilizarão de técnicas e métodos que criem ou reforcem preconceitos, estigmas e estereótipos”. Essas duas resoluções supracitadas muito colaboram para diminuir o estigma dessas classes uma vez que passam a ser tratadas como seres dotados de personalidades e autonomia. Vale ressaltar que muitos dos jovens que buscam auxílio psicológicos o fazem por fatores externos a ele, como a não aceitação pela família, amigos e sua comunidade em geral (CFP, 2018).

Entendida como espaço íntimo do indivíduo, a subjetividade se relaciona com o mundo social, mundo externo, com marcas na formação do indivíduo quanto na formação de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que concebe a experiências históricas e coletivas de grupo e populações. A subjetividade é um mundo interno que é composto por emoções, sentimentos e pensamentos, através da nossa subjetividade nos relacionamos com o "outro" (MIRANDA, 2014).

Na relação entre a alma e o corpo é possível notar a preocupação insistente de Merleau Ponty, mesmo desde a estrutura do comportamento com a redução do corpo a um mero objeto físico e até mais que isso a um mero objeto científico, não podemos pensar o corpo nem como um em-si físico-químico e nem como um para-si da alma como pretende o pensamento criticista.

A ciência tem grande autoridade em nossa cultura e nos leva a pensar que o mundo que vivenciamos átomos, moléculas, as forças, leis descritas pela ciência são verdadeira realidade das coisas, a fenomenologia tenta mostrar que as ciências naturais tem origem no mundo vivido, e a mesma só utiliza as experiências do mundo que vivemos em um conhecimento mais preciso sobre as coisas, mas não pode esquecer que todo o conhecimento por ela elaborado é advindo do mundo e o mesmo não pode ser descartado (SOKOLOWSKI, 2010).

Para Merleau-Ponty, a ciência escraviza a Psicologia vendo o ser humano como um mecanismo que age de acordo com causas determinantes, e se a psicologia adotar ao indivíduo somente como um objeto da ciência o mesmo será considerado um aglomerado de processos físico-químicos, ou seja, o indivíduo estaria preso a esse pensamento elaborado que a ciência traz, e seria visto como um produto científico que se afasta do conceito homem-no-mundo, pois apesar de todo que o ser humano sabe por meio da ciência é uma experiência dele no mundo vivido (MERLEAU-PONTY, 1999).

O psicólogo quando está analisando o homem em seu trauma, loucura, conflitos não pode conhecer esse contexto de fora sem si ver dentro dele, pois quando pensa, ouve a história do outro

está ao mesmo tempo vivendo junto com ele. A psicologia não pode continuar perpetuando esse pensamento mecanicista do pesquisador que não se reconhece no mundo e no outro (SANTOS, 2014).

Quando somos chamados a pensar acerca da subjetividade logo nos vem à cabeça diversas formas epistemológicas relacionadas ao tema. Tais teorias descrevem um funcionamento intrapsíquico de uma mente emancipada, sobrando a psicologia fazer sua investigação fisiológica do comportamento. Nesse contexto de debate de nossas individualidades se tornam complexas a exemplo da homossexualidade que outrora era vista como um comportamento ajustável e moldável (SANTOS, 2014).

E nesse debate acerca da subjetividade e homossexualidade podemos explicar melhor esse jeito de ser no mundo por meio da intersubjetividade vista pela visão de Merleau-Ponty (1908-1961) que segundo ele era impossível a existência de um ego já que tal afirmação colocaria em cheque essa teoria de subjetividade, tudo que somos é fruto de nossa vivência, experiência e não sem ser determinista de onde viemos também nos molda e faz ser quem somos. Assim analisar a homossexualidade deve partir de todo o contexto o qual esse indivíduo está colocado e sua relação mundo e sujeito e o fruto que ela dá (MARLEAU-PONTY apud SANTOS, 2014).

## **GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL**

As discussões sobre questões de gênero na psicologia já passaram por diversas fases e correntes de pensamentos diferentes, no início do século XX o viés empirista indicava que existiam diferenças congênitas e imutáveis entre os dois gêneros que eram considerados (masculino e feminino). Posteriormente na visão essencialista, o gênero era tratado como um traço também congênito e imutável, mas que exercia um caráter bipolar na diferenciação sexual (biológico), assim descrevendo a individualidade e os processos mentais. Para o enfoque da socialização, gênero era tido como a consequência da conexão entre questões sociais e culturais, logo sendo algo não inato dos seres humanos e sim aprendido. Já para as teorias pós modernas, a concepção de gênero é entendida como uma construção social, visto que tanto os sujeitos como os grupos sociais são resultados de processos que ocorrem entre si (BORGES, CANUTO, OLIVEIRA, VAZ; 2013).

Diversas culturas ao redor do mundo utilizam o conceito de gênero como ferramenta para naturalização de identidades e papéis sociais baseadas na diferenciação do sexo biológico. Dessa forma, os papéis de gênero são transmitidos e perpetuados principalmente pela ação da família na construção das identidades das crianças e adolescentes, utilizando principalmente de métodos de autoridade, dominação e muitas vezes violentos de fato. Torna-se então possível tratar o contexto familiar como principal reprodutor de conceitos ideológicos e perpetuação de papéis biológicos, isso pode ser claramente visto no cenário comum de quando assim que se descobre qual será o sexo

biológico do bebê ainda durante a gravidez, a família já começa a planejar toda sua vida, comprando objetos, brinquedos e roupas, e isso ainda se alastra tanto para as brincadeiras que são permitidas quanto para as funções domésticas delegadas quando já estão entre a primeira infância e a adolescência, tudo para que se enquadre com os ideais impostos pela sociedade acerca da identidade de gênero e papéis sociais (CARVALHO, MELO; 2019).

O conceito de gênero é tratado por diversos autores trazendo uma visão construtivista e assim podemos citar como exemplos Margareth Mead (1928), Judith Butler (2003), Merleau-Ponty (1999) e Simone de Beauvoir (1949). Sendo assim quando Beauvoir, em seu livro o “Segundo Gênero” afirma que “não se nasce mulher, se torna” ela se apropria da doutrina dos atos constitutivos, dando uma reinterpretação de base fenomenológica. Nesse sentido o gênero não é de modo algum uma identidade estável, sendo assim pelo contrário constituída de forma tênue no tempo e que deve ser compreendido pelos atos cotidianos (BUTLER, 2018).

A performance cotidiana, como gestos corporais, movimentos e encenações constitui uma ilusão de “eu” permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social, ou seja, o gênero é uma contínua formulação no tempo e na sociedade, uma vez que o entendimento do que é homem e mulher varia de acordo com a temporalidade e a cultura da sociedade a qual os indivíduos estão inseridos. Há diversos lugares no mundo onde ser homem e mulher é compreendido de formas diferentes, como descreve Mead (1928) em seu livro “Adolescência, Sexo e Cultura em Samoa” onde ela mostra as diferenças entre papéis de gêneros em contraposição das visões ocidentais (BUTLER, 2018).

O gênero não é de modo algum uma identidade instável. É uma identidade constituída por uma repetição estilizada de atos. O gênero por ser destituído pela utilização do corpo é entendida como uma maneira cotidiana por meio do qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generalizado permanente (BUTLER, 2018).

O corpo é compreendido como um processo ativo de corporificação de certas possibilidades culturais e históricos, diz Beauvoir e Merleau-Ponty, um processo complexo de apropriação que toda teoria fenomenológica da corporação precisa descrever. No diálogo entre psicanálise e fenomenologia, tem-se a sexualidade como estilo de existência em que existe uma correlação inerente entre a existência e a sexualidade e, é possível repensar a experiência da sexualidade, já que ambas as correntes reconhecem um sentido intrínseco para todo ato do ser humano. Tanto para Merleau Ponty quanto para Freud o homem constitui sobretudo um sentido histórico e cultural, e no caso da fenomenologia, é o corpo que se revela como experiência e fonte

Nesse sentido. A psicanálise encontra na sexualidade as relações e atitudes que antes passavam por relações e atitudes de consciência. Freud utiliza o termo pulsões (conjunto de pressões

ou forças) e para Merleau Ponty ele busca desvendar as próprias funções corporais reintegrando os impulsos sexuais ao homem. Desse modo, as ideias de Freud contribuíram à fenomenologia quando se afirmou que todo ato humano tem um sentido e ao invés de relacioná-lo com condições mecânicas ele busca compreender em todas as partes o acontecimento em si (WARMLING, 2016).

Para Merleau Ponty apud Warmiling (2016), de forma geral, a existência por meio da qual o sujeito se projeta entre outras realidades sensíveis é desenvolvida pela experiência sexual e, dessa forma por meio desse prolongamento familiar se constrói sua própria história. Tem-se o resgate existencial da dimensão sexual a partir do momento em que se compreende o homem como algo que está em constante devir e com base na noção originária de co-pertencimento dos corpos.

## CONCLUSÃO

Considerando o estudo do presente artigo, em que se teve como base uma revisão de bibliográfica sobre o desenvolvimento da adolescência, sob um recorte das teorias humanista, cremos que o estudo traz questões que percorrem a teorização acerca da adolescência de forma abrangente, perpassando as questões de gênero e identidade. E, nesse sentido, a revisão teve o intuito contribuir no estudo do desenvolvimento.

Dessa forma, com intuito de mostrar uma abrangente teorização no que se diz respeito a adolescência, o primeiro capítulo desse artigo trouxe bases bibliográficas que contribuem para a compreensão de como surgiu o termo e como ele era visto em diferentes culturas e por diferentes autores. Os autores citados, Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, no livro “Adolescência normal”, descrevem o adolescente como um ser em constantes crises, as quais se originam por mudanças corporais iniciadas na puberdade, conflitos familiares e outras questões pessoais.

Partindo assim das crises e conflitos, o segundo capítulo teve como foco tecer uma relação biológica e social do que se entende sobre a sexualidade e fazendo a distinção entre sexo e sexualidade como uma construção sociocultural. Dessa forma fica claro que a relação biológica da sexualidade está intrinsecamente ligada ao experienciado culturalmente, no qual o adolescente está inserido, assim corroborando com as visões de que a sexualidade é permeada de influências de caráter socioculturais. Vê-se que a sexualidade não pode ser reduzida a uma visão fisiológica, ela é uma construção histórico-cultural e depende muito da experiência subjetiva, da personalidade, do contexto social, familiar, das ideologias e das próprias vivências de cada indivíduo.

Portanto, o terceiro capítulo tem objetivo de discutir acerca da construção da identidade, a qual é uma construção que se dá através de um processo, envolvendo a linguagem, discursos e práticas, trazendo à tona temas como sexualidade, sexo e gênero. A partir de uma visão da psicologia do desenvolvimento juntamente

com a teoria de “Ser” no mundo de Merleau ponty nas teorias humanistas. Assim, analisar a homossexualidade deve partir do contexto em que o indivíduo está colocado e sua relação com o mundo.

Partindo desse ponto de vista, entende-se o gênero como uma construção que se dá socialmente. Algumas culturas ao redor do mundo utilizam o conceito de gênero como ferramenta para a naturalização de identidade e papéis sociais baseadas na diferenciação do sexo biológico. No entanto, o gênero não é uma identidade estável. Desse modo, o quarto capítulo tem a proposta de apresentar a questão de gênero que se estende ao entendimento da sexualidade em um recorte psicanalista juntamente com o pensamento de Merleau ponty onde se percebe que a existência do sujeito se projeta entre outras realidades em uma experiência sexual.

A partir disso, conclui-se que é de extrema importância o estudo do assunto em questão: sexo, gênero, sexualidade e acredita-se que este pode contribuir para outros estudos na área da psicologia, também em outras áreas, tanto no âmbito da educação, quanto no âmbito da própria família, buscando assim maior entendimento, conhecimento acerca das questões de sexualidade e gênero.

## REFERÊNCIAS

- ARMINDA, A.; KNOBEL, M. *Adolescência Normal: Um Enfoque Psicanalítico*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 1981.
- BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.
- BORGES, Lenise Santana; CANUTO, Alice de Alencar Arraes; OLIVEIRA, Danielle Pontes de; VAZ, Renata Pinheiro. *Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas*. *Psicologia: Ciência e profissão*, Goiás, v. 3, ed. 33, p. 730-745, 2013.
- BRASIL, Conselho Federal de Psicologia, Resolução de Nº 1, de 22 de março de 1999. Disponível em: < [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf) > Acesso em: 15 de abr. de 2020.
- BRASIL, Conselho Federal de Psicologia. Resolução Nº 1, de 29 de janeiro de 2018. Disponível em: <[http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/2236057/do1-2018-01-30-resolucao-n-1-de-29-de-janeiro-de-2018-2236053](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/2236057/do1-2018-01-30-resolucao-n-1-de-29-de-janeiro-de-2018-2236053)> Acesso em: 15 de abr. de 2020.
- CAMPOS, Ronny Francy. *Ética Contemporânea: Os Anos 60 e o Projeto da Psicologia Humanista*. *Epistemo-Somática*, Belo Horizonte, v. 3, ed. 2, p. 242-260, dez 2006
- CARVALHO, Julia Baerlocher; MELO, Mônica Cristina. *A Família e os Papéis de Gênero na Adolescência*. *Psicologia e Sociedade*, Recife, v. 31, p. 1-15, 2019.
- DIAS, Jamille Pinheira. *Os Atos Performativos e a Constituição do Gênero: Um Ensaio Sobre Fenomenologia e Teoria Feminista*. *Chão da Feira*, Belo Horizonte, v. 1, ed. 78, p. 78, jun 2018.
- LENOIR, Carolina. *Entenda como funciona e amadurece o cérebro dos adolescentes*. Disponível em:

<[https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2012/10/11/interna\\_tecnologia,322925/amp.html](https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2012/10/11/interna_tecnologia,322925/amp.html)>  
Acesso em: 16 de abr. de 2020.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção:2. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora,1999.

MATA, N.D.S.D. Adolescentes homossexuais e as relações com seus familiares: um enfoque da fenomenologia social. 2016. 104 f. Tese (Doutorado em Ciências, cuidado em saúde) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. Desenvolvimento Humano:12. ed. Porto Alegre:AMGH Editora,2013

REIS, Aparecida Francisco dos. O Processo de Construção da Identidade de Gênero e Transexualidade: Narrativas, Trânsitos e Diferenças. Interfaces da Educação, Paranaíba, v. 10, ed. 28, p. 93-116, 2019.

SANTOS, Neemyas Kerr Batalha dos. Merleau-Ponty e a Psicologia: Considerações Sobre a Intersubjetividade. Fenomenologia e Psicologia, São Luís, v. 2, ed. 1, p. 4-18, 2014.

SANTOS, Welson Barbosa; DINIS, Nilson Fernandes. Violência e Risco de Suicídio na Construção das Masculinidades Adolescentes. Cadernos Pagu, São Paulo, v. 1, p. 52, 2017 fev.

SAMPAIO, L.L.P.; COELHO, M.T.A.D. A Transexualidade na Atualidade: Discurso Científico, Político e Histórias de Vida. In: Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador: UNEB, 2013

SIMONELLI, Carlos Eduardo. A vivência da ambiguidade: um estudo fenomenológico da adolescência. 2017. 97 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2017.

SOKOLOWSKI, R. Introdução à Fenomenologia: 2.ed. São Paulo :Edições Loyola,2010.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra. O momento-limite conceitual: um estudo sobre as implicações sociais e subjetivas do saber na passagem adolescente. 2016. 292 f. Tese (Doutorado em Psicologia, estudos psicanalíticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

WARMLING, Diego Luiz. O Corpo e as Três Dimensões da Sexualidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. Cadernos do PET Filosofia, Santa Catarina, v. 7, ed. 13, p. 53-73, jun 2016

---

Recebido em: 15 de Junho de 2020

Aceito em: 30 de Julho de 2020

<sup>1</sup>Graduando em psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail. allysson.custodio55@gmail.com

<sup>2</sup>Graduando em psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail. maysa.vieira320@gmail.com

<sup>3</sup>Graduando em psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail. francisco.davi.b.lima@gmail.com

<sup>4</sup> Graduando em psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail. thaymou11@gmail.com

<sup>5</sup> Graduando em psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail. vanessagoncalvesaraujo123@gmail.com

<sup>6</sup>Especialista em Saúde Mental pela UDESC. Especialista em Saúde Pública e da Família pela FAK. E-mail. lieltonmaia@univs.edu.br